

TEATRO
NACIONAL
S. JOAO



TEATRO CARLOS ALBERTO
14—18 FEVEREIRO 2023

Sem Medo

a partir de *Simão Sem Medo*
de Miguel Granja

texto e criação

Teresa
Coutinho



ter+qua—11:00
qui+sex—15:00
sáb—19:00

apoio à criação, vídeo
Lúcia Pires

desenho de luz
Daniel Worm d'Assumpção

desenhador de luz adjunto
Pedro Nabais

figurinos
Bárbara Felicidade

construção de chapéus
Nuno Tomaz

construção de adereços
Inês Dias

sonoplastia
Lúcia Pires
Teresa Coutinho

produção executiva
Leonardo Garibaldi

direção técnica e operação de
som e vídeo
Filipe Silva

fotografia promocional
Bruno Simão

fotografia de cena
Filipe Ferreira

administração
Janine Lages

gestão financeira
Vítor Alves Brotas

interpretação
Ana Baptista
Ana Valentim
Cláudio de Castro
Tânia Alves

coprodução
Agência 25
Centro Cultural de Belém/
Fábrica das Artes
Teatro Nacional São João

residências
Companhia Clara Andermatt
Companhia Olga Roriz
Espaço Alkantara
Fábrica das Artes
Fórum Dança

apoio
FX Roadlights

estreia
1 Feb 2023
Centro Cultural de Belém
(Lisboa)

dur. aprox. 1:00
M/6 anos

O QUE É NOSSO, NADA, NEM A MORTE, NO-LO TIRA

TERESA COUTINHO

“A minha avó era a mais bonita.”

Este dizer também se aplica às nossas mães, às nossas filhas e filhos, em suma, aos que amamos. Os nossos são os mais bonitos. E por nossos, quero dizer aqueles que nos ampararam. E se é dos nossos que estamos a falar, é também importante ressaltar que os nossos nos aparecem dos lugares mais inesperados.

Dizia-me no outro dia uma espectadora que quem a amparou, numa grande parte da vida, foi uma vizinha. Uma vizinha que, todos os dias, lhe perguntava se tinha passado bem a noite, se o trabalho corria bem, se queria alguma coisa, antes de sair para ir ao supermercado. A nós, na idade adulta, a expansão do mundo exterior parece andar de mãos dadas com o estreitamento do nosso mundo interior. As regras, as obrigações, a perda de tempo dedicado à imaginação são inevitabilidades inerentes ao crescimento. Os sonhos perdem importância, fazemos menos perguntas, aceitamos com maior resignação que “as coisas são como são”. Não é por acaso que a infância é a idade dos porquês: idade desse lugar amplo, a perder de vista, em que a sensação de promessa é tudo o que há.

“Eu vou ser astronauta”, “Eu vou ser a Rosa Mota”, “Eu vou ser a Nina Simone”, “Eu vou

ser a melhor pianista do mundo”, coisas que dizemos na nossa infância e em que acreditamos profundamente, porque é do porvir que falamos. Nós sabemos, dentro de nós, que há esse tempo; que há o tempo de crescer e de cumprir os sonhos, e de a vida ser o que a força da nossa vontade e da nossa paixão quiser.

Não nos perguntem como ou porquê, mas nós sabemos que há esse tempo: que vivemos ainda no território de todas as possibilidades. E se as circunstâncias nos forem favoráveis, podemos continuar a acreditar nisso durante muito tempo. Acreditamos que temos tempo, sim, que há uma maneira de dar vida às coisas que nos habitam e nos preenchem, que o que está dentro de nós encontrará um interlocutor ideal, que nos ajude a dar-lhe forma.

O que não equacionamos, o que não podemos saber, é a força que as/os que nos rodeiam têm na construção da nossa autoestima e da nossa crença. E não uso a palavra crença por acaso. A descrença de quem nos rodeia, em tenra idade, é muitas vezes responsável pelo definhar do sonho, pelo medo da falha, pela insegurança.

Sem Medo é sobre muito mais do que aqui poderia escrever, porque é sobre a minha biografia, a biografia das pessoas que comigo trabalham, sobre a vontade de criar um lugar que acomode as especificidades das nossas crianças. Ainda assim, este espetáculo é, sem dúvida, sobre a importância de haver



alguém que acredita em nós, que nos vê e que, independentemente do lugar de onde nos fala – seja família, uma professora, uma vizinha – nos impele a seguir em frente. A crença em nós próprios está ancorada, inevitavelmente, no olhar que os adultos que nos educam e nos rodeiam têm sobre nós.

E quando estes desaparecem, para onde vai essa crença? Para onde vão os ensinamentos, a sensação boa da companhia e do acompanhamento? O que se faz à saudade? Como é que não cedemos à tentação de afastarmos as nossas emoções? Como é que resistimos ao recalçamento e guardamos connosco o que de mais precioso nos foi transmitido? “Lembrar traz de volta, mas também dói”, já diz no espetáculo a sombra de Simone, quando esta se confronta finalmente com o seu medo.

Sem Medo é sobre o luto, sobre a perda, porque a dor tem a capacidade de ocupar muito espaço, todo o espaço, e deixar-nos a braços com uma profunda sensação de vazio e solidão, capaz de nos distanciar irremediavelmente do sonho e da crença.

Sabendo que todas as infâncias são muito distintas, que há crescimentos mais amparados do que outros, este espetáculo é para os que vão crescer e para os que já cresceram mais – os ditos adultos. Pretende lembrar a estes últimos da importância de se ser um guia, um exemplo, no sentido mais lato do termo: um tutor, aquele que motiva e nunca aquele que instiga o medo e a insegurança.

Às crianças e adolescentes: haverá sempre alguém que nos vê, seja essa pessoa quem for. E é a essa sensação de amparo que devemos agarrar-nos para sermos quem quisermos ser: para resistirmos ao tal estreitamento do lugar do sonho e da possibilidade que a vida adulta teima em nos impor.

Se a perda é uma constante da vida, que saibamos que com ela só desaparece o que não podemos guardar em nós. O que é nosso – a memória, a vida em conjunto, os ensinamentos, o amor – nosso se mantém. Nada no-lo tira, nem a morte.

“A avó de todas e todos nós era a mais bonita.”

NO ESPELHO DO OLHAR

LÚCIA PIRES

Tens de comer a sopa, que está ali o gafanhoto. A ladear a casa da minha avó, um caminho de terra separa o jardim do monte. No meio dos castanheiros verdes, das estevas, das giestas e da urze, o tronco do gafanhoto não era bem visível da janela da cozinha, mas eu sabia que estava lá. Sempre que era preciso ir à aldeia, ia pelo outro lado do jardim, pela estrada, sem nunca tirar os olhos do gafanhoto, que parecia lançar-me uma espécie de aviso. Um dia, o gafanhoto desapareceu, deixei de o ver; no seu lugar, estava o velho tronco queimado de um castanheiro. Tenho saudades do infame gafanhoto. Gostava que fosse ele quem eu ainda temo.

O tempo fez a minha imagem no espelho tomar o seu lugar. A avó de Simone diz-lhe que “vemos ao espelho aquilo que os nossos olhos nos deixam ver. Vemos ao espelho o que os nossos olhos nos deixam ver com os pensamentos que a nossa cabeça tem sobre nós”. Às vezes, o nosso pensamento não é generoso connosco. “Sê dura, filha.” Quantas de nós não ouviram isto vida fora, vida dentro? A dureza a proteger-nos como uma casca. Vemo-nos ao espelho e não sabemos quem somos, habituados que estamos a esconder-nos atrás da cota de malha que tecemos paulatinamente como uma segunda pele. Até que, um dia, a alma decide crescer. O desejo de se expandir é superior às possibilidades de expansão da velha casca, que resiste. A velha casca já não serve, tem de ser abandonada. E deste atrito, desta necessidade de ir mais adiante, mais profundamente, a aventura começa.

Eu quero ver-me ao espelho e ver quem sou. Mas quem eu sou é um mistério tão denso como a noite sem lua, que dissolve e engole todas as formas. Lançar-me nesse desejo é atirar-me para o meio da minha floresta escura, alumando-me apenas com algumas luzes que os anos me foram concedendo. Já sei isto sobre mim, vou sabendo aquilo, mas quanto mais sei, mais mergulho na obscuridade. Por vezes, não quero sequer ver.



Sei que o obscuro pode trazer coisas que reprovo, que julgo sobre mim própria, que gostaria de eliminar. A minha sombra cresce a cada pequena luz que acumulo. Também Simone pergunta à sua sombra porque é que ela só desaparece quando a luz se apaga. Ainda assim, no meio do medo, temos de caminhar. O tempo não anda para trás, diz a Nina Simone que Simone sonha. Temos de avançar, porque a alma assim nos pede, ela tem de crescer para algum lugar com espaço: uma clareira, a margem de um rio, o universo inteiro. Esse lugar, que de início é sempre estranho, pode guardar em si a potência do maravilhoso. Talvez não haja maravilha maior do que olhar ao espelho e ver alguém que amamos.

Os primeiros espelhos eram de prata polida, as primeiras fotografias eram de prata também. Todos nos sentimos, mas as superfícies espelhadas são a única forma de termos alguma ideia sobre a nossa imagem. Às vezes, parece-me injusto que qualquer um que olhe para mim consiga ter acesso a uma imagem de mim que eu própria não consigo

ter. Nem que seja uma imagem primordial mais ou menos objetiva. Depois penso que eu não me vejo a mim, mas o outro também não se vê a si próprio. Portanto, apesar de não conhecer aquela senhora que vai no elétrico a jogar Candy Crush, ou aquele miúdo que tem migalhas na bochecha, apesar de cada um deles ter um mundo em si ao qual eu não tenho acesso, a verdade é que temos todos o privilégio de nos vermos uns aos outros. Há uma parte do outro que me pertence, que está apenas no espelho do meu olhar, e da qual eu tenho a oportunidade de cuidar. Por vezes, o medo faz-nos modelar uma imagem rápida e tosca deste outro. Com o tempo, se investirmos nesta escultura, talvez tenhamos de a remodelar, voltar atrás, admitir um erro, reconstruir. Talvez a forma mais justa de andar no mundo seja construir sempre e deixar sempre a construção por acabar. É que, por definição, o caminho faz-se caminhando.

Sem Medo faz-me refletir sobre os meus lugares íntimos de agora e os meus lugares mágicos de infância. Que bonito regresso. Os lameiros de Trás-os-Montes são um mundo mágico para Simone, da mesma forma que o foram para mim. O vídeo, como um espelho, foi uma oportunidade de criar este mundo, de o criar também a partir de aspetos biográficos, já que Simone somos todas e todos.

Podés parar de como falar se fosses um enigma?

produção executiva
Eunice Basto
Mónica Rocha

direção de palco
Emanuel Pina

adjunto do
diretor de palco
Filipe Silva

direção de cena
Cátia Esteves

luz
Filipe Pinheiro
(coordenação)
Adão Gonçalves
Alexandre Vieira
José Rodrigues
Marcelo Ribeiro
Nuno Gonçalves

maquinaria
Filipe Silva
(coordenação)
António Quaresma
Carlos Barbosa
Joel Santos
Jorge Silva
Lídio Pontes
Nuno Guedes
Paulo Ferreira

som
Joel Azevedo
(coordenação)
Leandro Leitão

vídeo
Hugo Moutinho

Edição
Teatro Nacional
São João

coordenação
Fátima Castro Silva

fotografia
Filipe Ferreira

design gráfico
Pedro Nora

impressão
Sersilito -
Empresa
Gráfica, Lda.

Não é permitido filmar,
gravar ou fotografar
durante o espetáculo.
O uso de telemóveis e outros
dispositivos eletrónicos é
incómodo, tanto para
os intérpretes como para
os espectadores.

APOIOS TNSJ

 **Castanheira**

 **pedras&pêssegos**

APOIOS À DIVULGAÇÃO


COMBOIOS DE PORTUGAL


fnac


Jornal de
Notícias


M

 **STCP**


98.9neva

AGRADECIMENTOS TNSJ

Câmara Municipal do Porto
Polícia de Segurança Pública
Mr. Piano/Pianos Rui Macedo

AGRADECIMENTOS SEM MEDO

Ana Mariz, Ana Ramalho,
João Cravo Cardoso, João
Estíma, Paulo Pimentel

O TNSJ É MEMBRO

MECENAS DO TEATRO NACIONAL SÃO JOÃO